

O REI DA GRÉCIA

O Rei da Grécia

Valdecir Santana

O REI DA GRÉCIA

São tantos nomes que merecem dedicação, que é uma lástima pescar um só. Sendo assim, dedicarei tais linhas a todas estas pessoas que merecem meu profundo apreço, em nome de meus filhos, Heitor Santana e Murilo Santana, fontes de inspiração inesgotáveis.

Agradeço especialmente a minha esposa Ana Cristina e a minha mãe, que leem cada linha que escrevo por cima dos meus ombros.

“Um livro aberto diante dos olhos, tem o poder de enriquecimento maior e mais duradouro, do que milhões de bilhetes premiados.”

(Valdeci Santana)

O REI DA GRÉCIA

Ao livro:

Filho meu!

Entendas que nasces em anos difíceis, onde é bem provável que muitas pessoas passarão diante de ti, sem prestar-lhe qualquer reverência. Peço que as compreenda, pois, acreditam que estão ocupadas demais para ler. Peço que perdoe mais ainda, a este que lhe pariu em terreno tão hostil, mas, em minha defesa, alego que sempre acreditei na proliferação da prática da leitura, através das sabias almas que compreendem que um mundo só é edificado através deste exercício. É quase certo, que tu morrerás, no fundo de um baú empoeirado. E se lhe serve de consolo, alguns poucos seres cuidarão de ler suas linhas, o que lhe dará certa utilidade.

Ao leitor:

Se acaso percorres estas linhas esperando por mocinhos e vilões, travando uma batalha intensa, lamento decepcioná-lo neste ponto, caro leitor, pois, suponho que tais alcunhas são resultados do acumulo de diversas ações que escolhemos diariamente. Nenhuma pessoa é capaz de vestir-se da candura de um mocinho permanentemente, tampouco, ninguém é capaz de agir sob a prática de atos cruéis integralmente. Portanto, se serve de motivação para que ainda mantenha o livro aberto, digo que os personagens que atuam nesta peça turva, chamada vida, são típicos seres comuns. Exatamente como eu e você. Pessoas que acordam pensando em praticar o bem e se deitam com medo, pois, passaram o dia cometendo crimes.

O REI DA GRÉCIA

Capítulo

1

Nasce esta história, numa típica manhã dominical, ilustrada com sol majestoso, ladeado por um manto de diversas entonações de azul. Velado por uma brisa que atormentava a paciência dos choupos das árvores, e frequentemente, lhes furtavam folhas mortas, que por sua vez, executavam um espetáculo particular, rodopiando em espiral, até pousarem lentamente no chão para morrerem pisoteadas.

Bastos dispensara o tilburi¹, bem diante do Largo do Paço Imperial. Não sem antes, aplicar ao chofer, os niqueis acertados.

Aquele 13 de maio de 1888 seria mesmo um dia bastante atípico. Pelo menos, era está a ideia que lhe consolava o sono violado. Dispensara suavidades ao espanar a lapela do paletó xadrez, que envergava sobre a casimira. Tal qual um astuto explorador, girara nos calcanhares e se permitira conferir as particularidades daquele horizonte urbano, bordejado de elevações rochosas. Seus olhos ardiam sob os bifocais de lentes escurecidas, que protegiam as rodela arroxeadas abaixo deles. O conhaque de alcatrão que entornara na véspera, ainda lhe propunha leves golfadas involuntárias, de uma saliva espessa e amarga, ao que ele rapidamente recorria

¹ Carro de duas rodas, com capotas, puxado por um só animal.

O REI DA GRÉCIA

ao lenço de bolso, na vã tentativa de conter o engulho. Pelo menos, havia ainda incrustada em seu ser, uma nesga de sobriedade, ainda que nele, era tão tênue a linha entre estar sóbrio e penosamente embriagado, que por vezes, era impossível distinguir tais pontos. Por duas ou três vezes, a mente semiadormecida lhe propunha lapsos dos lábios carnudos de uma das tantas putas de sobrado, que infestavam as ruas do Botafogo, com quem dividira a pândega e algumas cédulas. Porém, lembrar-lhe o nome, era agora, um exercício, no qual ele se dedicava de modo ferrenho, porém, sem qualquer êxito.

Totalmente alheios aos acontecimentos relevantes, reservados para aquele dia, tais quais tartarugas recém-nascidas buscando o socorro da maré, eram aqueles negros miseráveis, que partiam encurvados em direção ao cais, para, finalmente desovarem os barris que levavam sobre a musculatura. Barris estes, repletos de dejetos de seus senhores. O próprio Bastos, que recorria novamente ao lenço impregnado de essências adocicadas, mencionara o infortúnio daqueles “*tigreiros*” na coluna que alimentava no periódico *A Cidade Do Rio*. Na ocasião, dissertara sobre tal alcunha que se popularizava, pois, segundo suas apurações, tal apelido ganhara vida à custa daquela pasta amarelada, um misto de fezes, vômitos, urina e toda sorte de excremento, que frequentemente lhes derramava sobre a pele negra, proporcionando assim, a patética alusão à pelagem de um tigre.

“... Pelo menos, algumas famílias possuem ainda uma nesga de decência, e instruem seus criados a

O REI DA GRÉCIA

recorrerem ao mar...” escrevera ele, “... Enquanto que, as regiões periféricas, se guarnecem de montanhas de excrementos humanos, que chegam a originar disputas entre os escravos, sobre quem consegue erguer, com maior destreza, maior quantidade de montinhos de fezes. E, no topo dos quais, coroavam com uma folha de palmeira, simbolizando uma bandeira. A demarcação do grande feito humano e do progresso brasileiro numa enorme montanha de fezes...”

A frágil figura de Bastos, quase não se destacava por entre os tantos comerciantes, políticos e coronéis que fervilhavam ao redor do Paço, exceto, por seu invejável posto social. Vestia moda parisiense, amparado por chapéu claque e luvas de *jouvin* cor de palha, porém, dispensara bengala, já que tal objeto lhe restringia praticar o velho tique que adquirira ainda em tempos estudantis, no qual se dedicava sempre que estava só. O tique de atirar uma velha moeda portuguesa ao ar em piruetas, e depois, agarrá-la novamente. Fazia isso centenas de vezes durante o dia e somente dispensava a moeda, quando a noite se revelava, já que a escuridão lhe impossibilitava de assegurar pouso ao metal. Outro acessório indispensável era sua maleta de couro legítimo, com detalhes bordados em ouro. Algumas mechas do cabelo revoltado, acastanhado, escorriam sob o chapéu e lambiam a testa, onde marejava gotículas de suor. A barba era espessa, castanha e macia. A fisionomia era, à primeira vista, rude e sombria, o que rapidamente se dissipava, e lhe atribuía os ares românicos eternizados

O REI DA GRÉCIA

pelo inglês *Chartteton*². O porte físico bem que poderia ser atlético, caso o trabalhasse, mas, resumia-se num corpo bastante comum, ilustrado por alguns contornos de músculos desusados. A herança genética da pele alva sofrera leve bronzeamento natural dos trópicos.

Certo colunista chegou praticar sobre Bastos, a alcunha de “mimado”, criticando o desprendimento do homem, disse ainda que o termo “rebelde” não lhe praticaria qualquer injustiça, considerando os parâmetros exigidos pela sociedade carioca daquela *Belle Époque*. Sofrera ele tais críticas, não por optar pelo jornalismo, embora aquela profissão estivesse, aos olhos da sociedade, mais associada a um *hobby*, do que propriamente um ofício. Mas, tinham-no com mimado, por se abster da fortuna do pai e contentar-se com as modestas migalhas oferecidas pelos tabloides e folhetins, distante dos holofotes, nos quais, seu talento se ajustaria bem. E era justamente, por este visível talento para o jornalismo, que boa parte da fina flor carioca o respeitava. Com isso, desminto suas próprias convicções, de que tais bajulações não passavam de pretextos convenientes, objetivando sua grande herança, sabida por toda a cidade. Por este motivo reclusa-se do mundo, onde pessoas honestas puxavam diariamente o tapete de outras pessoas também honestas. O austero Bastos enclausurava-se nas particularidades de seu próprio universo, regado à boa leitura, escrita, bebida e muita

² Poeta inglês. Conhecido por sua escrita em estilo medieval. Cometeu suicídio aos 17 anos.

O REI DA GRÉCIA

pândega. Especulações diziam que o rapaz optara pelo jornalismo sob o único pretexto de afrontar o pai, com quem, por incompatibilidade de filosofias, nunca se entendera, ao que da parte deste que aqui deixa tais linhas, findo o caso exatamente no pé das especulações. No entanto, o fato é que Bastos era um sujeito que pensava de maneira bastante incomum aos demais seres que respiravam em volta.

—Bom dia, senhor “*novellanti*”! -Saudou-o um jovem jornaleiro, que ensurdecia os transeuntes, feliz por cruzar com um dos colunistas, que alimentavam as linhas que lhe garantia o sustento.

De Bastos recebera um olhar a contragosto. Ele detestava aquela expressão italianizada, achava-a pejorativa. Primeiro, porque lhe padronizava um estilo. Segundo, porque torcia o nariz para o hábito brasileiro, de se valer de expressões importadas. Além do mais, o pai costumava chamá-lo desta forma.

O REI DA GRÉCIA

Capítulo

2

Era pacificador poder observar aquela nesga de mar, através dos telhados de palha, que precipitavam para a sugestão daquele tapete azulado. Algumas ondas cortejavam as areias brancas e recuavam solenes, a dar passagem aos banhistas matutinos que apeavam de suas charretes. O típico cenário encantador de cartão postal, com barcos ancorados e gaivotas que davam rasantes e revezavam em acrobacias aéreas. Um espetáculo natural que Sócrates não perdia um dia sequer. Em seu chambre de fustão, debruçado no peitoril de um dos três janelões que emolduravam as centenas de instalações de madeira e palha, no alto do morro da Providência. Ele meditava a vida. Sentia-se cheio de vigor para travar intensas batalhas contra todo um sistema. No peito, brotava um espírito revolucionário. Ele sentia urgência em dar vazão àquelas palavras que sufocavam sua alma. Precisava falar!

Qualquer negro sentiria, naquele domingo que nascia, certa pontinha de esperança brotar nos grotões da alma violada, afinal, um novo ciclo nascia, repleto de controvérsias e conflitos é fato, mas, trazendo consigo novas possibilidades, isso, se nada contradissesse as expectativas planejadas para aquela data.

Em Sócrates, as emoções que se agitavam se assemelhavam às de seus irmãos, que naquele momento, ansiavam por um futuro, senão justo, ao menos digno,

O REI DA GRÉCIA

humano. Embora já tivessem perdido completamente a esperança em dias melhores. Liberdade é o bem mais precioso que qualquer ser que respira pode almejar. É justamente objetivando liberdade, que muita gente se acorrenta nos dias. É em nome da liberdade, que muitas pessoas perdem a vida. No entanto, lhe brotava na alma angustiada um “quê” de apreensão. Por esta razão, refletia de maneira mais contida, até porque, dependiam ainda da votação que se iniciaria no senado, e as imprevisíveis decisões políticas sempre ameaçavam qualquer esperança. Pois, como diziam as línguas impiedosas:

“Cabeça de político é tão imprevisível quanto intestino de nenê.”

A história de Sócrates poderia muito bem originar-se em solo africano, precisamente, nas savanas do sudeste da Nigéria, de onde também vieram muitos de seus ancestrais iorubas, ou, nos temidos navios tumbeiros que executavam o tráfico negreiro. Porém, proponho pularmos esta história sobre raízes, exatamente como fazem nossos materiais didáticos. Porém, no meu caso, não é por negligência. Talvez, um dia, eu até dedique um capítulo todo para abordar tal, mas, por hora, concentremos nas vielas estreitas e infectas que acessavam a construção, onde Sócrates vivia agora.

O Cabeça de Porco era, sem dúvida, o maior cortiço de todo o Rio de Janeiro. Com seu peculiar portal, encimado por uma grotesca cabeça de porco em gesso. Um Labirinto arquitetônico que nascia na Rua Barão de

O REI DA GRÉCIA

São Félix e serpenteava até o morro da Providência. Na gíria popular, qualquer habitação de péssima qualidade era uma “Cabeça de Porco”, portanto, o título caíra exatamente como uma luva ao cortiço, que abrigava cerca de quatro mil habitantes. Um local altamente insalubre, repleto de valas abertas. A população era um contraste miserável de negros alforriados, de ganho, prostitutas, marginais, estrangeiros, além é claro, do grupo que resultava da soma de todos os departamentos citados. Era, para a sociedade fluminense, um cancro. Os gregos certamente atribuiriam aquele amontoado de pobreza a surto de insanidade de Atena³.

Mais tarde, quando ex-combatentes regressassem da guerra dos canudos e aquela vizinhança lhes fosse cedida pelo governo, como forma de gratidão pelos serviços prestados, nasceria ali a primeira favela do país. Aliás, o título lhe seria dado, em homenagem ao morro do interior da Bahia, chamado Favela. Ou seja, engraçado ou não, é, no mínimo curioso, saber que militares não somente levantaram como batizaram a primeira favela do Rio de Janeiro.

Sócrates vestiu sobre o riscado, um elegante corte inglês, que a lavadeira lhe trouxe caprichosamente engomado. Os sapatos que ele mesmo lustrara lhe caíram perfeitamente como novos. Riu-se do ditado que ouvira na época de cativo, de que um negro só deixaria mesmo de ser escravo, quando possuísse um par de sapatos.

³ Deusa grega da civilização.

O REI DA GRÉCIA

Era ainda bem cedo, quando ele desceu pelas vias de terra batida, ondulando em direção ao sopé do morro, enquanto o dia se tingia de um vibrante verde-maçã. Já ouvia as ladainhas das lavadeiras que se agrupavam, transportando sobre as cabeças, bacias repletas de roupas sujas.

Logo no primeiro beco, um ar triste lhe cingira a tez lustrosa, onde o sol tentava se fixar com maior fervor. Esquecido ao pé de um arbusto depenado, entre entulhos, um prato esmaltado com farofa, uma coxa de frango frita, cuja pele se retesara, sugerindo certa crocância, uma garrafa de parati e alguns cigarros de palha. Tudo caprichosamente organizado e incrementado por uma vela vermelha, cujas finas labaredas perdiam a luta contra o vento. Os olhos pesarosos de Sócrates conferiram, por algum momento, aquela oferenda aos deuses, o famoso e bom despacho, que boa parte da sociedade carioca se aderira com o passar dos dias. Consternado, Sócrates lamentou profundamente, que muitas pessoas entrassem a espalhar despachos pela cidade, sem estudar de fato suas raízes. Prática esta que já denegria seu povo, atribuindo aos negros, acusações de praticarem magia negra. Mais um dos tantos rituais controversos ofertados à massa. Sócrates não sabia afirmar a partir de quando aquelas oferendas passaram a ser relacionadas a rituais espirituais, mas, a origem do conceito ele conhecia bem, e sempre que podia, tratava de liquidar o pequeno equívoco. Explicava que aquele gesto, que nos dias atuais remete à invocação de entidades espirituais, nada mais era, que uma

O REI DA GRÉCIA

demonstração clara de solidariedade entre o povo negro. Uma solidariedade herdada de regiões tribais da África. Esclarecia que os pratos frequentemente encontrados nas periferias eram deixados nas estradas, especialmente em encruzilhadas, sob o propósito de saciar a fome de escravos fugidos, que por ali passavam. A cachaça lhe daria mais vigor para seguir viagem e o cigarro seria um luxo a mais. Quanto à famosa vela, muitas vezes tratadas como símbolo máximo do teórico ato de bruxaria, de nada mais servia, senão para afugentar os animais e conservar o banquete. Ignorantes ao fato, desconhecendo completamente os motivos, pelos quais aqueles pratos eram deixados ao longo das estradas, alguns capitães-domato batizaram a pratica como ritual de magia negra, ao que anos mais tarde, não somente a classe branca afiançara tal mentira, como também, boa parte dos próprios negros.

Aquele negro de quase dois metros de altura, em seu caminhar leve, que quase não tocava o chão, sabia perfeitamente o quão valioso era a liberdade. Um bem tão precioso que mesmo muitos brancos não possuíam de fato. Em referência a este pensamento, Sócrates passara a entoar em sussurro, um velho provérbio ioruba, que sua mãe costumava repetir, enquanto caminhava lentamente por entre as vielas do cortiço, saudando toda a vizinhança que o reverenciava.

“Tu pode até levar um cavalo à agua, mas, não pode fazê-lo beber”.

É bastante óbvio que ele não nascera Sócrates, aliás, até os doze anos de idade, aquele pequeno escravo

O REI DA GRÉCIA

não possuía nome algum, pelo menos, não um nome considerado por seus senhores, um nome que o destacasse dentre os demais seres de sua espécie. Quando os escravos deportavam no Brasil, recebiam um simbólico batismo, somente para que estivessem em dia com os deveres católicos, e conseqüentemente, recebiam nomes cristãos. Mas, os escravos não declarados em impostos, quando muito, recebiam algum apelido, ou, carregavam o nome de seus proprietários, seguido do nome da fazenda onde viviam. Portanto, aquele negro seria mais um dos tantos “Ferrazes da Fazenda Esmeralda”. Mais tarde, ganhavam apelidos para facilitar-lhes o controle. Para o criador de cavalos, por exemplo, o nome era “Cavalo”, o responsável pelos porcos era o “Porco” e assim por diante. Mas, embora não fosse considerado por seus senhores, a mãe lhe havia dado um bom e típico nome ioruba, numa noite pejada de estrelas, sob um ritual regado à batucadas e cantorias. *Olubunmi*, que significava o “Dom de Deus”.

Certamente o leitor já se deparara com alguma menção a alguém predestinado. Uma raridade. Uma fantástica exceção de um percentual mínimo de pessoas, para quem o destino parece trabalhar com maior disposição. Sócrates era, sem dúvidas, alguém que pertencia a esta casta. Bisbilhotices da época afirmavam que aquele negrinho, era fruto de um típico romance carnal entre senhorio e escrava. Sem quaisquer delongas e suspenses, adianto que Sócrates morrera sem saber de fato, se eram ou não verídicas, aquelas acusações. Preservando intimidades de quarto e outros pormenores

O REI DA GRÉCIA

de cunho carnal, o fato é que, aquele negrinho magricela herdara pele de sugestões mais claras do que os demais escravos, onde a melanina agia com vigor. Os cabelos obedeciam a uma tendência encaracolada, o que afiançava os mexericos, que defendiam se tratar da mistura crespa da mãe, com o liso paterno. Seu olhar era vivo, que lhe emprestava uma expressão segura e bastante sadia, de alguém que parece não precisar dormir nunca. À bem da verdade, com o passar dos dias, acentuaria em sua fisionomia saudável, uma sutil alusão à imagem de seu senhor, tornara-se senão um mulato bastante belo, ao menos, uma criatura de agradável fisionomia, um esforçado esboço sedutor. O tipo de feição romântica, que marca, não por rispidez, mas, por leveza. Uma beleza exótica lhe fugia dos poros.

Embora nunca admitisse o fato, o tal senhor Ferraz, nutria certa admiração por aquele mulatinho, que se destacava pelo raciocínio rápido. Gostava de relatar aos amigos as façanhas e invenções do negrinho que se destacava, dentre seu rebanho. Como alguém que narra as traquinagens de seu cão.

Em casa, na particularidade do lar, evitava mencionar o mulatinho, obviamente, para preservar-se a salvo das suposições da esposa, que tendia a dar ouvidos aos mexericos.

—Ô “nêgo”! Se conseguir pendurar este laço bem na copa de uma árvore, dou-te uma prenda.

Era tarde de domingo, e todos os homens da família fumavam variações de charutos, recostados na varanda, enquanto não vinha o café. O desafio partira de

O REI DA GRÉCIA

um cunhado do velho Ferraz, famoso por pilheries para com os negros.

Óbvio que o sujeito pretendia desmoralizar aquela suposta relação clandestina entre senhorio e escravo. Afetando o mulatinho estaria, indiretamente, lascando o orgulho do velho cunhado. Fazia isto, um pouco em solidariedade à irmã, porém, o velho retesara a face e um leve enrubescer tingira suas bochechas.

—Mas, não será em qualquer árvore. -Prosseguira, diante do imediato interesse do mulatinho. —Será naquela.

E seu dedo firme, tal qual a lança de um gladiador, sentenciara a maligna proposta, apontando para um tronco de uma solitária macaúba, que parecia desdenhar das demais árvores que se agrupavam diante da casa. Quem já se deparou com uma árvore desta espécie, sabe bem que ela é guarnecida de espinho-coco, ou, para tantos, espinho agulhas, que ocupam cada milímetro de seu corpo. Espinhos longos e pontiagudos, capazes de perfurarem facilmente a pele.

Com quase cinco metros de altura, aquela macaúba, cujos cocos ovalados eram sempre recolhidos pelos escravos, quase não sombreava, e olhando por um lado mais artístico, seu esqueleto rude, parecia poluir o cenário. Tão enfraquecida era sua figura entre cedros e ipês.

—E então? Coragem há?

O homem lhe sorria cinicamente.

Na face do velho, o menino ossudo não encontrara socorro. A mãe que viera da cozinha, munida de café

O REI DA GRÉCIA

recém-coado, se retesou logo que entendeu a situação. Estupidez sempre cai bem nos jovens.

—Tem que atar ao topo?

Embora desconhecesse suas reações, não era o presente ofertado que lhe propunha aquela adrenalina, que começava percorrer seu corpo magro que quase vibrava. O desafio revelava nele, um espírito fervoroso.

—É surdo “nêgo”? Fui bem claro. -E desta vez, atirou-lhe um pedaço de tecido. -Ê só atar o lenço e ganhar um bom presente.

Certo ar de apreensão se instalara na varanda.

O desafiante deu vida à risada debochada, ao perceber a rápida desistência do garoto que deixara o cenário, sem sequer avaliar o desafio com maior interesse.

—Pode até ser esperto este coitado, mas, corajoso sabemos que não é. Qualquer um destes pretos estúpidos não pensaria duas vezes, antes de se rasgar naquela árvore por um mimo qualquer.

Os demais homens, embora compartilhassem daquela opinião ácida, evitaram opor-se ao dono da casa, talvez, em gratidão à recepção. O velho se sentira ultrajado, mas, qualquer revide o denunciaria.

É curioso como se dão certos acontecimentos. A fusão, aparentemente inofensiva de determinados elementos. Um domingo de sol, uma árvore solitária, um mulatinho esguio. E um machado.

Se não era ele o “Lenha”, ou seja, o escravo responsável por lascar a madeira, por que diabos estava em posse do machado? Era o que provavelmente passava

O REI DA GRÉCIA

na cabeça dos demais escravos.

Os baques secos produzidos pela insistência da lâmina da ferramenta se confundiam com os múltiplos ecos monótonos, típicos da rotina rural, até finalmente ser denunciado por um dos homens que se espreguiçavam na varanda. Tão rapidamente, todos se inclinaram no cercadinho de madeira caiado, que bordejava a varanda, buscando o melhor ângulo para captar a cena que se desenrolava. Estupefatos, flagraram a audácia do mulatinho que, armado de machado, desferias golpes violentos contra a árvore de tronco espinhoso.

Logo a árvore gemeu num estalo e ficou-se para o solo, levantando nuvenzinhas de poeira. Lançando longe, seus frutos.

Sócrates não estava de todo pomposo, quando atou o tecido na copa da árvore derrubada. Na verdade, em sua mente borbilhava a certeza de um castigo físico sem precedentes. Sua respiração ia aos poucos, se normalizando, na medida em que baixava a adrenalina. O capitão-do-mato invadiu a cena, em posse de um chicote de talas largas, desculpando-se pela demora. O pai constrangido que se distraía, ofertando ao filho hiperativo a oportunidade de executar suas façanhas. Explicar que estava pelo mato afora, atracando-se com uma negra, talvez não caísse bem.

—Ara seu fulo da peste!

—Deixa Tião! -Gritou o patrão, dispensando seus préstimos.

Tão logo, aquela face velha se contorceu em

O REI DA GRÉCIA

gargalhadas. Os aplausos eram um desabafo vingativo, sendo copiado pelos demais. Era a primeira vez que alguém lhe aplaudia, e era magnífico ser aplaudido. Como poderia alguém viver sem experimentar a sensação de ser aplaudidos? Naquele momento ele soube que nascera para ser aplaudido.

—Bem... -O tal do cunhado era puro desconcerto. —É um trapinho de gente interessante. Um bom filho da puta é o que é. —E sorriu jocoso, depois de cuspir no solo.

Anos mais tarde, ao revirar os vales e grotões que se perdiam nas trevas da memória, Sócrates concluíra que seu nascimento efetivo ocorrera justamente naquele domingo ensolarado. Do adversário ganhara dois livros, cujos títulos ele somente decifraria de fato um ano mais tarde. Ficara bastante

claro se tratar de mais um trote maligno do sujeito, uma derradeira cartada vingativa, pois, não há nada mais impiedoso e infrutífero, do que prender um analfabeto com livros. Qualquer negro ficaria totalmente decepcionado em ganhar um livro, ao invés de um pedaço de rapadura, e ainda nos dias de hoje, não seria diferente com muita gente. Entretanto, para a infelicidade daquele sujeito zombeteiro, ele fizera um favor ao mulatinho.

Quando a senzala adormecia, embalada pelo cricrilar dos grilos e a atmosfera impregnada do aroma de fumo e suores se acentuava, o mulatinho se armava de uma lamparina e passava a percorrer aquele amontoado de letras, que mais pareciam códigos mortais. Uma sinfonia de roncoss, sussurros, tosse e gemidos abafados

O REI DA GRÉCIA

daqueles que gozavam ainda vigor físico e psicológico para os prazeres da carne, regiam a leitura imaginária. Nascia ali, uma incontrollável gana de desmistificar aqueles símbolos estranhos. Muitas vezes, ele percorria as páginas inventando suas próprias histórias. Surgiam contos imaginários daquelas letras, que pareciam zombar de sua ignorância. Inventava destemidos heróis negros que venciam a maldade dos fazendeiros. Outras vezes, com a ponta de algum graveto, ele pincelava o terreiro de terra batida, imitando o desenho de cada letra, praticando e ajustando sua caligrafia, embora, desconhecesse o nome de cada um daqueles símbolos.

No entanto, dois fatores lhe resgatara definitivamente do medíocre cotidiano, no qual os escravos definhavam. A varíola e a paixão que Bernardinho nutria pelo xadrez.

Ocorrera que em meados de 1868, quando o mulatinho acabara de completar onze anos, a senhora Ferraz foi acometida de varíola, deixando o filho órfão de seu passatempo favorito, as partidas de xadrez. Às vezes, quando o estado febril lhe permitia, ela até que se arriscava em alguns movimentos, mas, logo se sentia agastada e acomodava-se em seu estado vegetativo, definhando os transtornos de seu corpo pustulento.

Com a mãe acamada, Bernardinho tornara-se um estorvo para os criados. Aquele solitário gordinho, em suas bochechas infladas e olhos miúdos, não dava sossego à criadagem, que frequentemente era convocada para as partidas de palitos e pega-pega, porém, a maior parte de seus dias enfadonhos, ele passava agarrado aos

O REI DA GRÉCIA

livros, viajando por entre linhas.

Foi exatamente neste ponto oportuno que o destino oferecera ao velho Ferraz, a brecha, da qual necessitava, para livrar das garras do roçado, seu esperto mulatinho.

Bernardinho possuía agora um criado particular, cuja única obrigação era diverti-lo. Muita gente recorre aos cães como companhia, outros preferem escravos. No começo, a mãe se opusera, pois, não pretendia que seu filho andasse por aí, em companhia de um negro, segundo ela, aprendendo a malandragem genética instalada em sua alma. Mas, no fim das contas, a doença prevaleceu, e agastada, não dispunha de forças para combater na secular batalha entre os protagonistas do matrimônio.

—Que a sinhá não nos ouça, mas, estes dois, são o focinho de um e a carranca do outro. —Observara uma das negras da casa.

A companhia do mulato fizera muito bem ao gorduchinho. Seus hábitos sedentários foram rapidamente abolidos, e em questão de poucas semanas, a afinidade entre os dois garotos tornara-se uma aliança perpétua. Destas que somente a pureza das crianças é capaz de forjar. As horas transcorriam de maneira mais acelerada, reduzindo os dias, quando os dois se embrenhavam nas tantas aventuras e compartilhavam segredos. Se o leitor um dia foi criança, Não gente pequena, mas, criança, certamente pintará por si a situação que tento descrever. Falo isso, porque conhecemos muitos adultos nesta vida, que jamais foram

O REI DA GRÉCIA

crianças de fato, seguiram rigidamente as etapas que envolvem o ciclo natural da vida, mas, possuir a alma alegre e leve de uma criança, não é para todos. Juntos, se esgueiravam por trás das instalações de tabique, para furtarem o banho sensual das mucamas nos igarapês, corriam pelas planícies verdejantes, apedrejavam pássaros, se arrependiam e faziam tudo novamente. Foi justamente ao lado daquele garoto gordinho, dois anos mais velho que ele, que o mulatinho finalmente desvendara os primeiros mistérios dos símbolos da capa de um de seus livros. O professor não era dos melhores, nem mesmo dos mais pacientes, mas, a dedicação, ou, teimosia, (como bem declarara Bernadinho) pelo aprendizado, superava qualquer desafio.

—Apologia de Sócrates.

Não saíra bem assim, de maneira tão limpa, tal qual redijo agora. Na verdade, um sôfrego gaguejar regera aquela leitura que desvirginava para sempre seu analfabetismo.

Sócrates!

E seus lábios degustaram cada palavra daquele nome. Seu âmago vibrou. Estonteante adrenalina consumira seu espírito. Adeus grilhões! Ele estava finalmente livre, alforriado pela menção de um nome. Sócrates! Sentira dissipar as trevas de sua mente. E tão naturalmente, de quem conquista um tesouro, viu-se acertado pela onda luminosa do poder.

—Apologia de Sócrates. Apologia de Sócrates! – E repetiu muitas vezes mais. Cada vez mais ofegante, libertando dos pulmões a poeira tóxica da ignorância.

O REI DA GRÉCIA

Gotas de lágrimas se agarravam nas pupilas reluzentes, que refletiam um garboso Bernadinho, sentindo-se o próprio Sócrates, ante o dedicado Platãozinho de pele escura.

—Que diabos significa Sócrates? -Inquiriu ele, sem saber se pulava, gritava ou chorava.

E o riso largo dissipou-se, dando lugar a expressão encabulada.

Bernadinho já estava bastante entediado e, a bem da verdade, do filósofo grego em questão, ele pouco sabia. E conhecendo bem aquele mulatinho com sede de conhecimento, sabia que, se mencionasse “filósofo” seria obrigado a dar claras explicações sobre seu significado. Uma menção parindo uma pergunta e assim por diante. E foi justamente sob o pretexto de retornarem às brincadeiras, que o tal gordinho mentiu.

—Era um rei.

—Rei? — Lembrou-se imediatamente de uma pintura, onde D. João pousava em trajes oficiais, com coroa e tudo. E isso lhe seduziu de forma aguda. Talvez fosse melhor ter dito filósofo.

—Rei de onde?

—De uma terra chamada Grécia. Agora esqueça isso.

Rei e Deus eram as duas palavras que ele conhecia para resumir poder. D. João foi um rei e, em suas mãos havia o poder, de permitir a escravidão, de decidir sobre a vida dos súditos, um poder imortal. No Brasil, ser rei era, sem dúvida, bem melhor que ser Deus. Sentira, naquele momento, que descobria, através do nome, o rei que

O REI DA GRÉCIA

habitava seu âmago. E enquanto sua alma simplória se metamorfoseava, jurou para si, que, mais do que tudo na vida, queria ser um rei. Rei do Brasil, rei de si mesmo, rei da Grécia.

—Ele cismou que quer se chamar Sócrates.

O velho Ferraz quase que se engasgara com o bocado de sopa que levava à boca. Tal proposta era, no mínimo, curiosa, além do mais, era bastante comum os negros se batizarem com nomes tribalistas em reverência às suas raízes, mas, um negro chamado Sócrates, beirava à comédia, ou, uma completa tragédia. Por esta razão, a boca engordurada do velho se arreganhara.

—Juro que já vi de tudo nesta vida, mas, um negro chamado Sócrates, Só por Deus.

A proximidade do pequeno escravo com o herdeiro daquelas terras verdejantes, que margeavam os limites de Minas Gerais, fez com que brotasse certa hostilidade, por parte dos cativos. A aparente liberdade e abstenção do negrinho, em relação aos serviços braçais, insultavam os demais escravos. Chamavam-no “menino branco”. Era um título impiedoso, que o pobre soubera suportar, pois, enciumados, lhe faziam acusações de trair suas origens. No entanto, o agora Sócrates, não condenava os cativos que se afastavam dele, pois, atribuía toda aquela perversidade à falta de conhecimento. Arma poderosa, que ele agora manejava com distinta destreza.

Bernardinho partiu para a Inglaterra sem muita cerimônia, deixando na mãe enferma, uma lacuna que jamais fora preenchida. Do Brasil, levava as memórias lindas dos campos abertos, de toda aquela propriedade

O REI DA GRÉCIA

encantada, além é claro, o negrinho, agora chamado Sócrates. Uma última vontade que seu pai suprira de bom gosto.

Quinze anos no exterior, seria tempo suficiente para dissolver em amarguras, um coração saudoso, mas, pelo menos, aos olhos de Sócrates, tudo acontecera num breve bater de asas. Londres era mágica, sua criatividade cativa jamais seria capaz de imaginar um mundo tão encantado como. A corte londrina representava luxo, soberba e sensualidade. De lá, o Brasil não passava de uma imensa lavoura, de gente bem distante da civilização.

O regresso ao Brasil estava programado para seis anos antes, mas, um acontecimento mudara drasticamente o protocolo. Bernardinho ficou órfão.

A mãe sucumbira à varíola poucas semanas após sua partida, já o pai, virara-se até que bem em sua viúves. Boatos diziam que uma jovem mucama lhe servira bem a alcova nesta fase. Mas, numa tarde chuvosa, um acidente, quando selava a carroça, lhe decepara uma das pernas, que, por sua vez gangrenou e uma bactéria mortal lhe ceifou a vida. A propriedade passara a ser administrada por um irmão do falecido, que não hesitou em livrar-se dela na primeira boa proposta, enterrando os lucros na Caixa Econômica, de onde partia gordas pensões ao herdeiro. Sócrates alimentava a ânsia de rever a pobre mãe, porém, desconhecia o fato de que este desejo jamais pudesse ser realizado, pois, sua mãe também estava morta.

Os anos somente compactara aquela relação entre

O REI DA GRÉCIA

os dois amigos. Uma relação que contrariava aparências. Nunca houvera entre ambos, qualquer vestígios de hierarquia, natural entre senhorio e escravo. Eram amigos de fato. Que Bernardo Ferraz desconfiasse de um elo sanguíneo entre eles, seria provável, mas, o dialogo entre eles jamais sondara tal ponto.

Todavia, legislativamente, Sócrates não era um escravo nas terras inglesas, pelo menos, no ponto de vista teórico, já que a escravidão ali não existia mais. No entanto, vinha ele de solo ainda escravocrata, ainda que, ao lado de Bernardinho nunca sentira isso.

Bernardinho Ferraz, ótimo economista por sinal, sagrado empreendedor, via agora a escravidão com pesar. Um retrocesso. Algo completamente desumano, do qual se envergonhava. Por esta razão, destituiu o mulato de qualquer submissão para com ele. Ser livre era divino. E Sócrates soubera se valer deste bem. Empregou-se numa indústria que fundia ferro, dedicara-se avidamente ao inglês e também o francês. Passava as noites em claro, debruçado sobre livros, alimentando um monstro sedento, que habitava seu ser, com o néctar do conhecimento. Sócrates estava conclusivamente capacitado para discutir sobre filosofia, política, história e administração, aliás, o próprio Bernardo Ferraz, que nas próximas laudas seria um grande administrador, lhe rogava socorro, quando as lições de casa se opunham. Foi também nesta época, que ele descobrira a peça que o amigo lhe pregara, sobre o filósofo Sócrates ser o rei da

O REI DA GRÉCIA

Grécia e se sentiu um tolo por auto se titular o rei do berço da democracia. Tarde demais. Ele se sentia Sócrates o Rei, não Sócrates o filósofo. No entanto, agora que era um sujeito esclarecido, sentia-se mais orgulhoso de seu nome. Até porque, clinicamente, filosofia, embora não possuísse glamour, era sempre mais lúcida que a monarquia.

—Não é com orgulho que lhe entrego este documento, meu caro Sócrates. —Dissera Bernardo, de posse da carta de alforria. Suas mãos tremulavam naquele dia. Em seus olhos lia-se profunda e sincera tristeza. —Aliás, para lhe ser bem honesto, creio que devamos acertar as contas com Deus, por esta atrocidade. Neste país, a liberdade é sua por direito, por esta razão não lhe providenciei antes a carta. Mas, agora que partes, lhe concedo formalmente a liberdade que sempre foi sua.

Dois meses depois, Sócrates desembarcara no Rio de janeiro. Sozinho.

Havia sim uma boa razão, para o agora empresário Bernardo Ferraz, não retornar à sua terra natal, e ela se chamava Louise Smith. Uma bela gaulesa ruiva, herdeira de uma fortuna. Conheceram-se no período estudantil e o amor entre ambos lastrara como se lastra o fogo humano no capinzal ressecado da carne. Tão rapidamente desposaram-se e, juntos, ergueram um império no ramo de vestimentas de luxo. Não somente a nata londrina, mas também, de vários outros países gabavam-se em

O REI DA GRÉCIA

cingirem o corpo com algum vestido, fraque, casaca ou chapéu, que vissem etiquetadas pela *Ferraz & Smith Boutique*. Dizem que a própria Sarah Bernhart, a mais famosa atriz da história, não trocava por outra, a elegância da moda daquela loja.

O REI DA GRÉCIA

Capítulo

3

Ao meio dia, o regozijo público já era imenso. Uma multidão quase ensandecida se locomovia entre Rua do Ouvidor e o Largo do Paço. Homens em fraques e chapéu coco traziam semblantes repletos de comoção. O calor dos corpos que frequentemente se esbarravam incitava o mormaço e proporcionava moleza, nas múltiplas seções de aplausos e incitações de “liberdade”. Lírios e camélias despencavam das sacadas, precipitando para as ruas abarrotadas de gente. A classe jornalística era a que mais se destacava dentre os festeiros. Estavam radiantes. Os jornalistas, todos visivelmente corroídos pela vigília que se arrastava há cinco dias, sorviam agora aquela vitória, para a qual, não somente contribuíram, mas, foram sem dúvidas, os pilares que sustentaram a campanha abolicionista. É certo afirmar que sem a valiosa contribuição da imprensa carioca, a abolição jamais teria ocorrido.

Fazia cinco dias que tramitava nas seções parlamentares, aquele projeto de extinção definitiva do elemento servil. Cinco dias de tensão e discursos ácidos entre parlamentares conservadores e liberais. Aquela seria a ocasião em que se extirparia o que as campanhas de emancipação chamavam de “cancro social”.

Bastos, já com os cabelos um tanto desgrenhados, rodela de suor abaixo das axilas e uma camélia que alguém lhe pregara na lapela, aguardava a votação do

O REI DA GRÉCIA

senado com certa apreensão, pois, embora ainda remota, havia a hipótese de que o conservadorismo vencesse e a abolição fosse revogada.

Somente quando o abolicionista senador Dantas anunciara o parecer favorável de oitenta e três prós, para nove contrários, foi que a alegria estampara de fato a face de Bastos.

O amigo José do Patrocínio dispensara formalidades e precipitara para ele num abraço acalorado. Aquele homem que tanto se sacrificara em prol da causa estava um trapo humano, no cansaço, porém, incrivelmente radiante, no ânimo.

—A vitória é nossa, homem! Finalmente, livramos este país das correntes monstruosas da opressão. Está acabado homem! Viva a liberdade! Minha alma está de joelhos neste Paço.

Outros colonistas de menor expressão acompanhava o fundador do jornal Cidade do Rio, todos, conservavam um sorriso abobalhado na face.

José do Patrocínio fizera questão de lembrar, aos homens que o cercava, sobre a importância do amigo Bastos naquela causa. Aliás, embora hoje seja fácil opinar o destino já parido, a história é bastante cruel com o pobre Bastos, pois, abona todos os créditos a homens com José do Patrocínio, Joaquim Nabuco e quase não menciona o fato de que, partira daquele jornalista aristocrata e pândego, a ideia da imprensa pressionar os grandes escravocratas a se aderirem ao abolicionismo, usando ameaças ferrenhas de fazer dura oposição às suas empresas, denegrindo-os junto ao

O REI DA GRÉCIA

comércio estrangeiro, como a Inglaterra, por exemplo, que se recusava a manter relações comerciais com o Brasil, enquanto houvesse a escravidão. Uma manobra um tanto suja e drástica, que foi bastante criticada por alguns colegas, mas, como dizia entusiasmado agora o próprio Patrocínio, apostar na inteligência de Bastos e lhe entregar o seu precioso Cidade Do Rio, adiantara bastante o processo abolicionista, que acabara de passar pelo senado.

—Então senhores, eis a lenda. —Finalizara ele, propondo risadas, gesticulando os braços, qual um maestro a reger a sinfonia, em sua barba crespa, onde sumiam gotas de suor.

Quem observasse os modos contidos, com os quais, Bastos rejeitava os elogios, vê-lo-ia como um sujeito modesto, no entanto, elimino completamente tal possibilidade, Bastos não era modesto. Definitivamente, só não se dava com holofotes. Apreciava trabalhar como diretor, por trás do pano, onde a linha entre zona de conforto e o perigo do desastre era bem tênue. Aliás, eu diria que homens como Bastos são exatamente os tipos de seres humanos que realmente movem as engrenagens,

—Na verdade... —Finalizara Bastos, em tom conclusivo. —Este filho da mãe está apenas a inflar meu ego, somente para seduzir-me a pagar-lhe algumas rodadas de uísque.

A gargalhada foi unânime.

—Depois desta, peço-lhes licença. —Disse Patrocínio entre risadas. —Este pobre Isabelita deve se encontrar com a “mãe loira” — Referindo-se a princesa.

O REI DA GRÉCIA

E, antes de se retirar, sentenciara uma frase que se eternizaria:

—Não se esqueçam! Nobres amigos, a bandeira da liberdade estará sempre em risco.

A euforia geral atingira elevadas proporções, quando a princesa, que ocupava a regência pela terceira vez, surgira no alto das sacadas imperiais, que miravam a Baía de Guanabara. Saudou os súditos que sustentavam estandartes e atiravam chapéus ao alto sob um sol impiedoso. Canhões fotográficos explodiam a o todo momento, procurando melhor ângulo para eternizar a cena. Os poucos negros que ainda circulavam ao redor do Paço Imperial, pareciam desolados, confusos, meio que tentando entender o que de fato era liberdade.

O primeiro a discursar foi o senador Dantas, sucedido pelo líder do partido liberal na câmara, Joaquim Nabuco. Depois vieram João Clapp e José do Patrocínio. Da princesa, quase não se ouvia a voz em seu breve discurso, tamanho o alarido dos manifestantes, que incitavam a o todo momento o grito de viva

“Eu, princesa Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança e Bourbon, sanciono, diante do meu povo, o documento que extingui totalmente a escravidão, dando liberdade definitiva a todos os cativos que habitam o solo brasileiro. A escravidão está abolida no Brasil”.

No mais, lamentou o fato de que o pai, adoentado, estivesse no exterior, impossibilitado de participar de um ato, segundo suas palavras, tão gracioso.

O REI DA GRÉCIA

Bastos viu o amigo José do Patrocínio se ajoelhar diante da monarca e beijar-lhe a mão, simbolizando um agradecimento geral.

Quase quatro séculos de escravidão findavam ali, e muitos não escondiam a alegria que lhes enchia alma, simplesmente pela dádiva de viver aquele momento histórico. O império sucumbira às pressões e o maior território escravagista do ocidente, por onde passaram mais de quatro milhões de escravos, emancipara de fato seus negros.

Era habitual Bastos se reunir com os amigos depois do expediente, nas tantas casas de chopes, confeitarias, ou qualquer espelunca que oferecesse boa bebida e uma mesa. Naquele dia que as trevas já rodeavam, não seria diferente, aliás, numa defesa alcoólica, alego que eles possuíam agora fortes argumentos para se embrenharem na pândega, pois, estavam oficialmente abertas as festividades de comemoração da abolição dos escravos.

Bastos possuía ainda alguns compromissos, afinal de contas, era ele, obviamente, um importante membro da comissão de imprensa, responsável pela organização das festividades. Por esta razão, seguiu sozinho, retardatário pelas ruas. Seu corpo transparecia visíveis sinais de cansaço, enquanto ele deixava o Largo do Paço e subia pela Rua Ouvidor, em direção a Rua da Vala, onde àquelas horas, provavelmente fervilhava o *Alcazar*. Onde também, seguramente encontraria seus amigos mais estimados. Vez ou outra se deparava com bandos de jovens que perambulavam embriagados fazendo

O REI DA GRÉCIA

zombarias, ou com alguns navalhistas passando a limpo certas intrigas miúdas.

Tumulto sempre atrai a atenção. Fato. Provavelmente, no centro daquela roda que se adensava, haveria o patético confronto fútil entre dois bebuns. Tais acontecimentos eram bastante comuns nos finais de tardes de domingo, quando o efeito da bebedeira excessiva contrastava com o mau humor do regresso ao lar, numa mistura maligna. Além do mais, era a Rua do Ouvidor, e tudo poderia acontecer naquela *Fifth Avenue*⁴ do século XIX. No entanto, não havia o calor das incitações de “Fura ele”, tampouco notara qualquer confronto, enquanto se esgueirava por entre a plateia. Fragmentos de um discurso lúcido atraíra sua atenção. Ele se dirigia para a voz que sobressaía-se aos sussurros na plateia. No caminho, se desculpava pelos tropeços e encontrões. Certamente, acreditava topar com a estrutura de algum ministro, ou, muito provavelmente, algum mensageiro do império.

—A quem haveremos de enganar? ... Prezados senhores, o que realmente presenciamos aqui hoje, a verdade camuflada nos confins das conveniências. Não creiam num ato de benevolência, pelo contrário, por trás desta encenação ridícula, está a tentativa patética, de um império em ruínas emplacar sua popularidade, emprestando para si, um fato que se dera sem que qualquer monarca movesse de fato um membro em favor. Além do mais, fazem-no, para fugirem ao compromisso

⁴ Avenida movimentada de Manhattan, em Nova Iorque.